

# Poesia e Cidade: A Feira de Santana de Eurico Alves

Evila de Oliveira Reis Santana (UEFS)

“[...] a Feira de Santana de Eurico Alves [é] uma cidade idealizada, uma cidade que ele revela a partir de um processo de arqueologia sentimental, onde se mesclam realidade, memória e poesia”.

Juraci Dórea<sup>1</sup>

Para dar curso à discussão da imagem urbana na poesia de Eurico Alves, fizemos um brevíssimo recorte da imagem urbana sob alguns pontos de vista, com o objetivo de situá-la e mostrar como este poeta, também cantor de cidades, retrata a sua musa, a cidade de Feira de Santana.

Por primeiro, buscamos examinar a paisagem urbana na Idade Média. Aí, a imagem urbana refletia o labor de uma população rural que se capacitava profissionalmente para ganhar a vida. A expressão econômica era representada pelas guildas,<sup>1</sup> e as características sociais e culturais passaram a se confundir com a própria cidade. A vida nova, agora livre da tutela dos senhores feudais, possibilitava novas relações sociais. A produção e a habilidade caracterizavam a vida comunitária com seu estilo próprio, suas crenças e religião, aspectos imortalizados, até hoje, nas artes que têm no Paço Municipal, o palco onde desfilavam “as famílias de destaque, os mais ricos artesãos e mercadores, espaço onde se realizavam os saraus, banquetes e casamentos com a devida pompa”<sup>2</sup>.

Nesta perspectiva, estas festas, consideradas oficiais, eram marcadas pela guarda da hierarquia, em que predominavam valores, leis e tabus religiosos, políticos e morais, e uma ordem social apoiada no reconhecimento de uma estabilidade econômica na qual todos tinham um lugar determinado. O contraponto dessa ordem, no

nosso tempo, é o carnaval que traz para o Paço, ou para a Praça, outra personagem para quem, nem sempre, há espaço nas festas oficiais: a multidão. O carnaval veio, portanto, fundar a isonomia social na Praça Pública, transformar o seu retrato cotidiano de *locus* do comércio, de trabalho e da vida comedida, em outro de desmedida, de inspiração dionisíaca, de quebra da rotina diária, ligada ao trabalho e ao comércio.

A reunião plural e anônima possibilitou, com a participação da multidão, romper a distinção de classes, de ofícios, daquilo que é público e privado, popular e erudito, emprestando, ainda que momentaneamente, a imagem de uma cidade franca e livre de restrições de etiquetas e normas da hierarquia social. Este é o retrato urbano da cidade que vivenciamos nos nossos dias.

A modernidade inaugura, com Charles Baudelaire, a lírica da cidade. A cidade é, então, tomada pelo poeta como uma grande musa. Tendo como pano de fundo as transformações que Paris sofreu, na segunda metade do século XIX, este poeta foi fortemente tocado pelo impacto dessas modificações, cuja impressão e expressão da cidade são as marcas da sua lírica: a cidade cheia de sonhos, de mistérios, de surpresas, de luz e, depois, de solidão. Como organismo vivo, a cidade, para Baudelaire, cumpre um ciclo de vida, cuja gradação vai arrefecendo ao entardecer quando os operários voltam para as suas casas, para o repouso, e, a cidade, também, se acalma.

Charles Baudelaire, poeta considerado o pai da modernidade, criou, na sua famosa obra *As flores do mal*, esta grande personagem poética: a cidade, que se faz tema de um considerável número de poemas. Descreve a musa cidade através de uma figura alegórica, também criada por ele: a multidão.

A multidão, referência da cidade, é a imagem flutuante, imutável, fugaz, através da qual o poeta vislumbrava Paris. A Paris que se deixa enlevar pelo canto das sirenes das usinas, do progresso, denotado pelo aço, pelo reluzir das vitrines das galerias, pelo luxo. Cada transformação que a cidade sofria, era captada pelo olhar do poeta *flâneur*<sup>3</sup>, e eternizada nos seus versos. Por isso, Baudelaire é e será, sempre, reconhecido como um dos mais importantes fisionomistas da imagem urbana.

Wilhelm Dilthey, no consagrado ensaio “Goethe y la fantasía poética<sup>4</sup>”, faz atenção ao processo narrativo-descritivo presentes em certas composições líricas. Ressalta que as imagens que o poeta recorda apresentam um grau considerável de clareza, relevo e plasticidade, o que ele denomina de “poesia representativa”, pela capacidade que o poeta opera na conservação das representações reproduzidas ou livremente forjadas. Este procedimento, segundo Dilthey, exige do poeta a integridade das imagens evocadas pela recordação. E conclui: “Por isso os poetas têm também quase sempre, um grande talento para a narração”<sup>5</sup>.

Sempre existiu uma relação intrínseca entre terra (pó), e homem. Desde tempos imemoráveis, já se verificou o estabelecimento de uma forma de imbricação entre ambos: o homem, feito de “pó” para este retornará. Jerusa Pires Ferreira expressa curioso entendimento, no que tange a esta questão:

O silêncio, a essencialidade das formas, um minimalismo expressivo. A ligação com a terra, numa espécie de arqueologia essencial, permanência de uma natureza que pode ser o âmago de uma antiga memória da terra<sup>6</sup>.

Talvez esta seja uma das razões pelas quais se possa explicar o apego demasiado do ser humano à terra: não apenas no plano físico, mas, e, principalmente, no plano do sensível: terra natal, por exemplo, é uma expressão que equivale ao próprio sentido de progênie, e onde corpo e cidade se equivalem e se traduzem como se uma coisa só fossem.

Para verificar como uma cidade pode ser cantada para, então, se fazer conhecida, tanto na sua geografia física, quanto subjetiva, selecionamos dois poemas nos quais o poeta Eurico Alves<sup>7</sup> constrói a imagem urbana de Feira de Santana. Nestes poemas, a imagem da cidade se faz pela asa da reminiscência, ao mesmo tempo em que “desenvolve uma sensibilidade inteligente, que garante a passagem da subjetividade impressionista à construção de um espaço urbano”<sup>8</sup>:

O primeiro, “Canção para a capela de Nossa Senhora dos Remédios” o autor começa por descrever o aspecto físico e exterior da capela, a estes misturando elementos afetivos. Este poema traz uma imagem urbana silenciosa, muito diferente do que é, hoje, o Largo dos Remédios. Assim, freqüentemente, neste poema, são encontrados termos, especialmente adjetivos, que transmitem a idéia de leveza e silêncio a exemplo de: “Mansidão de pátina leve”; “largas paredes silenciosas”; “lages úmidas de silêncio”; “aconchego macio de horas quietas”; “Somente a adorável ternura das coisas puras e mansas”; “E os passos abafados do silêncio muito leve, muito leve”, “A senhora dos Remédios, serenamente”: “Pressinto pela vasta nave em silêncio”.

Mostram também, estes versos, a parcimônia das horas, dos dias, dos anos, a regularidade e previsibilidade da vida, àquela época, ainda não contaminados pela iminência e susto com que se dão os acontecimentos na vida moderna:

As amplas lages úmidas do silêncio...  
[...] Como um lábio sorrindo,  
A igreja onde meu pai se casou,  
Onde, um por um, os seus filhos se batizaram...

[...] A Senhora dos Remédios, serenamente...

E os passos abafados do silêncio, que na verdade é a memória que para ali aflui e povoa aquele cenário com personagens de tempos de outrora, antigos para Eurico, como antigo é o seu tempo, agora para nós. E, assim, cria, pela asa de uma reminiscência que não é sua, mas da História, cenário antigo que mostra uma imagem urbana dos tempos de outra escravidão:

Pressinto pela vasta nave em silêncio  
gluglus de velhas sedas aristocráticas e orgulhosas,  
lembrando as veneradas senhoras que ali rezaram  
as austeras senhoras fazendeiras rodeadas de escravos em casa  
e cheias de piedade nas missas de Festas...

O orgulho da velha aristocracia pastoril em oração nas missas de Festivas.  
E as promessas fervilhando aos pés de Nossa Senhora  
Ansiosas e contritas.

Na verdade, podemos dividir este poema em dois momentos históricos, ou em dois retratos sociais vividos em um mesmo espaço: um que congrega diversas camadas sociais, onde estão presentes operários, como as costureirinhas que se sentam ao lado das senhorinhas- as moças filhas de famílias abastadas. Este mesmo espaço fora antes ocupado por uma classe privilegiada, tendo sentado naqueles mesmos bancos outras personagens que constroem outra imagem urbana marcada pela hegemonia do capital pastoril. Aproveita este momento para revelar a hipocrisia religiosa, ou seja, o *gestus* piedoso das senhoras fazendeiras que, no seio das suas fazendas, mantêm pessoas cativas.

Eurico Alves é um fisionomista da cidade, um retratista urbano que a esta empresta movimento, tornando-a uma fotografia viva, pois à memória visual se juntam as demais outras que possibilitam os órgãos do sentido. Mais do que uma fotografia que congela um instante, o retrato que a poesia pinta nutre-se de movimento, de vida, como se aquele instante estivesse sendo inaugurado no instante de encantamento que se dá entre o poema e o seu leitor.

O segundo, “A canção da cidade amanhecendo” é um vivo exemplo do que estamos a dizer: Neste, o poeta constrói, de forma cromática e dinâmica, a fisionomia de Feira de Santana, abarcando-a em quase toda a sua geografia, tanto objetiva quanto subjetiva. A exemplo do que ocorre em outros poemas, a cidade é personificada com caracteres humanos que compõem um retrato de ser ela, a cidade, uma adoles-

cente morena, sensual, alegre, uma senhorinha “de boca bezuntada de sol”. E, neste poema, ele inicia por pintar o seu retrato, trazendo elementos que a caracterizam:

**a) Sua origem com as feiras de gado:**

A poesia desses bois mansos que romperam distâncias  
e trazem acre perfume selvagem do mato bravo, da terra pisada, de chão virgem,  
de chapadões imensos...

[...] que vem no aboio dos que chegam tangendo de Minas  
e do longínquo sudoeste ,

**b) Sua localização geográfica:**

Sob a cálida volúpia da noite do planalto

[...] [onde] Passam os carros velozes, os autocaminhões do sertão para o mar,

**c) A idade:**

Minha linda cidade adolescente

Trepida as calçadas das ruas, como o latejar do teu pulso moço

**d) Situação social:**

Entre a fidalga melancolia das ruas aristocráticas

E da voz sonora dos bairros elegantes, das vivendas de luxo, dos jardins floridos.

Da poesia “dos pianos nas ruas luxuosas enfeitadas de senhorinhas elegantes”

**e) Situação econômica:**

E o alegre movimento do bairro comercial,

[...] vozes comerciais planejando negócios, calculando despesas,

[...] vozes dos operários, das fabricas, dos fabricos humildes,

dos lavradores anônimos, dos choferes de autocaminhões.

**f) Geografia urbana:**

há vivo rumor que se espalha pelas tuas ruas largas e retas como gargalhadas de sol

**g) Clima:**

[...] ruas largas e retas como gargalhadas de sol

Vozes rudes [...] canariando na tua boca besuntada de sol

[...] A poesia anacreônica dos tabuleiros multicores sob o sol vadio  
das manhãs alegres

**h) Espaço da diversidade e da reunião:**

Vozes de longe, de rotas de outras cidades perdidas no sertão

e de cidades do mar,

Vozes descoloridas, vivendo na Algaravia musical das ruas da minha lírica cidade.

vozes rudes dos sertões bravios e longínquos

[...] vozes amigas confraternizando-se na alegria do encontro imprevisto,  
de estudantes vindos de outras cidades, tagarelando a felicidade da adolescência  
de fazendeiros satisfeitos com a grita da chuva, que brinca sobre o  
corpo da terra fecundando-se, florindo-a;  
[...] vozes do norte, do sul, do centro, do todas as terras produtoras em volta

Como podemos observar, o poema pode abrigar nuances da imagem urbana de mais de uma sincronia, não se limitando em retratar tão somente o momento histórico vivido pelo eu lírico. O poema “Capela e Largo de Nossa Senhora dos Remédios”, por exemplo, traz mais de um momento e, se a estes juntarmos o nosso, serão três realidades que tiveram existência em um mesmo espaço.

Todos os eventos, coisas, particularidades e, especialmente pessoas, ganham imortalidade e *anima* por força da fala poética. É a poesia que empresta vida às personagens que compõem o retrato da imagem urbana evocada por Eurico Alves. A sonora poesia selvagem da cidade amanhecendo/adolescente, que não mais comporta políticos que proíbam que se acendam lampiões em noites de luar, o poeta a percebe no ar trepidante desta cidade-entrocamento onde algaraviam todos os tipos de falas e buzinas, cruzamento de estradas para onde afluem forasteiros; Feira de Santana é a casa que dá guarida às gentes de fora. A sonora poesia, cuja selvageria não provém de uma selva natural, mas daquela que produz os uivos, os silvos e os aboios que saem da boca das máquinas, testemunhas de que o progresso aqui chegou.

O poema, segundo T.S. Eliot, diz para um povo aquilo que este pode sentir na língua do seu uso. O modo de sentir varia de um povo para outro, de geração para geração e, embora a poesia seja uma “arte obstinadamente local, nacional” a expressão de sentimentos peculiares, não se deve esquecer que estes também são gerais. Ao romper as barreiras da expressão de sentimentos pessoais, o poema lírico vai se constituir, seguramente, no instrumento da expressão dos caracteres da alma, que são comuns a qualquer indivíduo, pois do que pode falar o poeta senão da realidade em que vive, como testemunha da sua história, da sua cidade? Pois é ela um dos espaços da sua atuação, pois, igual aos demais, o poeta está sujeito aos seus acontecimentos.

Eis aí, portanto, a fisionomia, o retrato falado desta cidade amanhecendo, Feira de Santana, contemplada por futuros leitores, sob a aura de uma saudade que chega, até, a doer. E, parafraseando o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, dedicamos a Feira os quase mesmos versos com os quais imortalizou a sua saudosa Itabira:

“Feira de Santana é apenas um retrato na parede:  
Mas como dói”.

*Canção para capela  
de Nossa Senhora dos Remédios\**

*Mansidão da pátina leve em aveludados arabescos de sombras  
pelas largas paredes silenciosas...*

*Sombras carinhosas afagando as lajes úmidas do silêncio  
Na penumbra evocadora de crepúsculos amigos,  
No aconchego macio das horas quietas,  
Vestidas de veludo e de orvalho...*

*As amplas lajes úmidas do silêncio...*

*A pureza dessa hora sem sol embalada na alegria dos sinos...*

*Como um lábio humilde sorrindo,  
A igrejinha onde meu Pai se casou,  
Onde, um por um, os seus filhos se batizaram...  
Nem ambição de luxo, nem desvario de pompas.  
Somente a adorável ternura das coisas puras e mansas...  
E os passos abafados do silêncio muito leve, muito leve,  
Sonhando sobre as lajes da nave em sombras...*

*A Senhora dos Remédios, serenamente:  
no trono encrustado de flores de papel de seda.  
Displícites estas flores de papel desbotando...*

*Pressinto pela vasta nave em silêncio  
gluglus de velhas sedas aristocráticas e orgulhosas,  
lembrando as veneradas senhoras que ali rezaram  
as austeras senhoras fazendeiras rodeadas de escravos em casa  
e cheias de piedade nas missas de Festas...*

*O orgulho da velha aristocracia pastoril em oração nas missas Festivas.  
E as promessas fervilhando aos pés de Nossa Senhora  
Ansiosas e contritas.*

\* BOAVENTURA, Eurico Alves. *Poesia*. Salvador: Fundação da Artes/EGBa, 1990, p. 46.

## *A canção da cidade amanhecendo\**

*Sob a cálida volúpia da noite do planalto,  
a cidade fulgura e tremeluz  
nas coroas de ouro das lâmpadas elétricas.*

*Cá da cidade as largas estradas como cabelos desnastrados  
De mulher que sonhasse....*

*Feira de Santana, minha linda cidade adolescente!*

*Entre a fidalga melancolia das ruas aristocráticas  
e o alegre movimento do bairro comercial,  
há vivo rumor que se espalha pelas tuas ruas largas e retas como gargalhadas de sol,  
encantadora polifonia de sibilinas sirenes serrando a carne morena das distâncias,  
latejar e choques de lépidas máquinas velozes,  
velocíssimas,  
rodando, correndo, avançando,  
febril alarido de vozes tumultuosas,  
trauteando a canção triunfal da tua alegria.*

*Vozes de longe, de outras cidades perdidas no sertão e de cidades do mar,  
Vozes desconhecidas, vivendo na algaravia musical das ruas da minha lírica cidade.  
vozes comerciais planejando negócios, calculando despesas,  
vozes rudes dos sertões bravios e longínquos,  
canariando na tua boca besuntada de sol;  
vozes amigas confraternizando-se na alegria do encontro imprevisto,  
de estudantes vindos de outras cidades, tagarelando a felicidade da adolescência  
de fazendeiros satisfeitos com a grita da chuva, que brinca sobre o  
  corpo da terra, fecundando-se, florindo-a;  
vozes dos operários, das fábricas, dos fabricos humildes, dos lavradores  
  anônimos, dos choferes de autocaminhões  
que varam o Nordeste, que rasgam a caatin-  
ga, o planalto, levando o perfume da minha cidade;  
vozes do norte, do sul, do centro, de todas as terras produtoras em  
  volta  
e, sobretudo,  
Bailando no ar aromal da cidade adolescente.*

*a voz sonora dos bairros elegantes, das vivendas de luxo dos jardins  
  floridos.*

*Colorido vozerio da cidade amanhecendo!*

*Há na tua boca iluminada da arraiada  
A volúpia, o calor das vozes criadoras que o eco espalha no teu horizonte.*

*Oh! Poesia selvagem que vive no sonho de aventura desta multidão  
  heterogênea, que traz semanalmente nos  
olhos sonâmbulos e inquietos e nos gestos  
  decedidos a música do sertão,*

\* BOAVENTURA, Eurico Alves. *Poesia*. Salvador: Fundação da Artes/EGB, 1990, p. 47-9.



desta gente bronzada, destas mulheres cor da tarde, que derramam  
na cidade a lembrança das terras apagadas  
no horizonte longínquo!...

Na palma da tua mão anda o destino das tuas irmãs,  
minha lírica cidade.

Sinto o abraço fraternal das incontáveis estradas de rodagem, subindo,  
descendo, rasgando montanhas; a festa de  
buzinas agudas, fortes, fanhosas, fonfonan-  
do, ora sonoras, cantarolando,  
no concerto dos campos abertos à vida criadora do teu povo.

Amo esta poesia que vive na alma clara e musical da minha cidade!  
A poesia da madrugada do seu destino!  
A saborosa e fecunda poesia que aspiro da boca, do sonho das tuas  
mulheres adolescentes,  
dos pianos nas ruas luxuosas enfeitadas de senhorinhas elegantes;  
a poesia dos dínamos, das serrarias, dos trapiches cheios da carnação  
perfumada das operárias novas;  
a poesia dos parques povoados de estudantes e de amores sonhadores,  
a poesia colorida dos provocadores pomares inebriantes,  
a poesia anacreônica dos tabuleiros multicores sob o sol vadio das  
manhãs alegres;  
a poesia desses bois mansos que romperam distâncias  
e trazem acre perfume selvagem do mato bravo, de terra pisada, de  
chão virgem,  
de chapadões imensos...  
a poesia que vem no canto das tuas irmãs, trazido na música dos motores  
dos automóveis,  
que fica na pauta riscada na areia pelas rodas dos autocaminhões peçados  
de cargas,  
dos carros luxuosos;  
que vem no aboio dos que chegam tangendo de Minas e do longínquo  
sudoeste,  
no pensamento comercial dos que saltam de Itaberaba, Mundo Novo,  
Monte Alegre, Jeremoabo, de todo Nor-  
deste, do mar, da mata, da caatinga, de toda  
a parte,  
trazendo nas mãos o perfil do currais deixados lá longe;  
na saudade dos Gerais que acompanha os vaqueiros distantes,  
das terras rudes e abruptas...  
dos grotões profundos...  
das serras nuas que bailam na valsa de espuma do luar...

Trepida as calçadas das ruas, como o latejar do teu pulso moço.  
Passam os carros velozes, os autocaminhões do sertão para o mar,

passam os carros para o sertão vindo do mar,  
embalando a cidade com o cantarolar sonoro dos seus motores.

Amo esta sonora poesia selvagem que canta no ar trepidante da minha  
cidade.

da minha cidade adolescente.

## NOTAS

- 1 Rita Olivieri Godet. (org., apres. e sel.) *A poesia de Eurico Alves: imagens da cidade e do sertão*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999. p. 71.
- 2 Associação de mutualidade constituída, nesta época, entre as corporações de operários, artesãos, negociantes ou artistas.
- 3 Lucrécia D'Alesio. *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993, p. 210.
- 4 “Como Walter Benjamin o afirma, o *flâneur* é um estudioso da natureza humana. Sob a aparência de um olhar desatento e distraído, esconde-se alguém cuja volúpia reside na decifração dos sinais e das imagens: algo que pode ser revelado por uma palavra deixada ao acaso, uma expressão capaz de fascinar o olhar de um pintor, um ruído que espera o ouvido de um músico atento”. Extraído de CANTINHO, Maria João. *Modernidade e alegoria em Walter Benjamin*. <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ag29benjamin.htm>. acessado em 06.08.2008 às 22h32.
- 5 Wilhelm Dilthey. Goethe y la fantasía poética. In Dilthey: *Vida y poesía*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1945. p. 114.
- 6 Id. *Ibid.*
- 7 Jerusa Pires Ferreira. “Caronte e o cronotopo da evocação”. In: *Armadilhas da memória*; e outros ensaios. Cotia: São Paulo. Ateliê Editorial, 2003 p. 30.
- 8 Eurico Alves. *Poesia*. Salvador: Fundação da Artes/Empresa Gráfica da Bahia, 1990. 226 p.
- 9 Walter Benjamin. *Apud* Lucrécia D'Alesio Ferrara. Op. cit. p.218.
- 10 T. S. Eliot. *A essência da poesia*. Rio de Janeiro: Artenova, 1971, p. 33 e ss.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Trad. Heindrung Krieger Mendes da Silva, Arlete Brito, Tânia Jatobá. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- BOAVENTURA, Eurico Alves. *Poesia*. Salvador: Fundação da Artes/Empresa Gráfica da Bahia, 1990.
- DILTHEY, Wilhelm. *Vida y poesía*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1945 Universidade de São Paulo, 1993.
- FERRARA, Lucrécia D'Alesio. *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da memória*; e outros ensaios. Cotia: São Paulo. Ateliê Editorial, 2003.
- OLIVIERI-GODET, Rita. (org., apres. e sel.) *A poesia de Eurico Alves: imagens da cidade e do sertão*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999.
- CANTINHO, Maria João. *Modernidade e alegoria em Walter Benjamin*. <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ag29benjamin.htm>. acessado em 06.08.2008, 22h32.

Poesia e Cidade: A Feira de Santana de Eurico Alves  
Poetry and the City: Eurico Alves's Feira de Santana

RESUMO

A cidade é a musa da modernidade que foi inaugurada com Charles Baudelaire. Neste trabalho procede-se à discussão da imagem urbana na poesia de Eurico Alves, fazendo primeiramente, um brevíssimo recorte da imagem urbana sob alguns pontos de vista, com o objetivo de situá-la e mostrar como este poeta, também cantor de cidades, retrata a sua musa, a cidade de Feira de Santana.

**Palavras-chave:** poesia; imagem urbana; Feira de Santana.

ABSTRACT

The city is the muse of modernity which was initiated by Charles Baudelaire. In this work there is a discussion about the urban image in Eurico Alves poetry. Firstly, it is presented a very brief press cutting of the urban image following some points of view that aim at placing and showing how this poet, who was also a cities singer, portrays his muse, Feira de Santana city.

**Keywords:** poetry; the urban image; Feira de Santana.

Recebido em 10/05/2009

Aprovado em 20/07/2009



SANTANA, Evila de Oliveira Reis. Poesia e Cidade: A Feira de Santana de Eurico Alves. *Lêgua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana, UEFS, nº 5, 2009, p. 76-86.

**Evila de Oliveira Reis Santana.** Professora de Teoria da Literatura da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). É Mestre pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e doutoranda em literaturas comparadas na Universidade de Artois/França. As suas atividades na área de lírica, como resgate da história, tem propiciado a publicação em veículos do Brasil e do exterior.